

SUBGRUPO: REFERENCIAÇÃO

Célia Maria Coêlho Brito¹

No Encontro da ANPOLL, de julho/2000, realizada em Niterói, o subgrupo Referenciação, do GT Descrição do Português, teve como tema de estudo o fenômeno da topicidade, direcionado, mais especificamente, ao exame do tópico **novo**. As considerações feitas a esse tópico atentaram para o funcionamento dessa função pragmática no âmbito do discurso, observando os expedientes sintáticos que permitem a introdução de um tópico novo bem como a configuração morfossintática que esse tópico apresenta ao ser introduzido no discurso. Considerou-se, portanto, que o funcionamento do tópico novo está intimamente relacionado com a natureza dos expedientes lingüísticos que o introduzem no discurso (Du Bois, 1985/87)

O contexto em que se insere o estudo do tópico refere-se a orientações teóricas apresentadas por Dik (1989) sobre o fenômeno da topicidade numa perspectiva funcionalista, em que o tópico é visto como uma entidade discursivo-informacional. Nesse sentido, considera-se que o tópico novo e o tópico dado são funções pragmáticas que se realizam no interior da cláusula, diferentemente das funções pragmáticas tema, destinatário, iniciador, intercalação oracional, clarificação e modificador elocucional (também apontado por Dik, 1989), que se realizam no início, no meio e no final de cláusula, fora da estrutura da cláusula, portanto.

Entender o tópico como uma entidade que se realiza no interior da cláusula significa necessariamente vê-lo como primeiro ou como segundo argumento do verbo, preenchendo, então, um lugar na estrutura da cláusula. Em (1) e (2), a seguir, transcrevem de Dik (1989) enunciados que apresentam, respectivamente, o tópico, como primeiro e como segundo argumento.

(1) *Suddenly, right before our very eyes, there appeared a huge elephant.*

(2) *In the circus we saw an elephant called Jumbo.*

Julga-se que, sendo o tópico um segmento de estatuto discursivo-informacional, os expedientes sintáticos que o introduzem vem como a configuração morfossintática que apresenta estão intimamente relacionados com o “setting communicative” (estimativa que o falante faz da informação pragmática do interlocutor no momento da fala) do falante em relação a seu interlocutor. Fica claro, assim, que o tópico deve ser considerado como um segmento resultante do processo discursivo-informacional e não unicamente como o ponto de partida do que se vai dizer, conforme assim concebido por lingüistas da Escola de praga:

... qualquer frase no singular apresenta um tema [tópico] ou ponto de partida do enunciado [...]. O tema [tópico] enuncia o que é conhecido pelo interlocutor... (Fontaine, 1978)

Observa-se que, no momento da história dos estudos lingüísticos da Escola de Praga, a noção de tópico não alcança sua dimensão discursivo-interlocutiva. Embora o tópico seja reconhecido como uma entidade de natureza semântico-pragmática, é visto muito mais como

¹ Departamento de Língua e Literatura Vernáculas – Centro de Letras e Artes – UFPA – 66075-110 – Belém – PA – Brasil.

uma entidade de natureza sintática, identificada (quando o tópico não resulta de um processo de topicalização² ou não é marcado por uma entoação), sintaticamente, ao sujeito.

1. O tópico novo

Partilhando-se com o tratamento pragmático-estrutural que Dik (1989) dá ao tópico, concebeu-se tópico novo como uma função pragmática intracláusula realizada por argumentos do verbo que apresentam pela primeira vez uma informação no discurso, quer seja conhecida ou não do interlocutor. A esse respeito, Dik (1989) diz que o tópico novo se apresenta antecedido de artigo indefinido, mas também pode apresentar-se antecedido de uma forma definida. O primeiro caso acontece quando o falante assume que o ouvinte não conhece a entidade referida como tópico novo. O segundo caso se dá quando o falante assume que essa entidade já é conhecida de seu interlocutor.

Dados analisados por Brito (1999), selecionados de narrativas orais de amazônidas com baixo nível de escolaridade, permitiram aos componentes do subgrupo. “Referenciação” apresentar contextos sintáticos em que o tópico novo pode apresentar-se no discurso e observar, ainda, as diferentes formas que o tópico novo adquire ao ser introduzido no discurso.

Ressaltou-se que o estudo que Brito realizou sobre o tópico novo atentou para os seguintes procedimentos metodológicos:

- consideraram-se apenas enunciados referentes à fala do narrador, portanto enunciados em terceira pessoa, para que se pudesse observar como amazônidas processam a introdução do tópico na construção de suas narrativas;
- observou-se que o tópico se realiza no interior da estrutura da cláusula e que também corresponde a argumentos do verbos de cláusulas transitivas (exceto com verbos suportes³), cláusulas intransitivas e copulativas, bem como de cláusulas existenciais, locativo-existenciais e cláusulas passivas;
- concebeu-se que a cláusula transitiva é toda construção cujo verbo tem estrutura argumental que comporta um segundo argumento, quer ele se apresente preposicionado, ou não; a natureza semântica do sujeito de cláusula transitiva, dessa forma, fica alargada, o sujeito não se restringe ao agente que efetiva alguma ação em relação a um paciente;
- selecionaram-se, além dos argumentos diretos, os argumentos oblíquos do verbo (Du Bois, 1985; 1987) e, assim, deixou-se claro não se considerar apenas o sujeito como função sintática do tópico, o que significa concordar-se com Givón (1980) quanto ao que diz sobre a natureza sintática do tópico: *todos os argumentos nominais na proposição são tópicos*.

2. Estratégias de apresentação do subgrupo Referenciação

As exposições apresentadas pelo subgrupo foram feitas por Mara Lúcia Fabrício de Andrade (UNESP/AR); Celina Aparecida G. de S. Nascimento (UNESP/AR); Vânia Maria Lescano Guerra (UNESP/AR); Célia Maria Coêlho Brito (UFPA); e Maria Ângela de Souza Boer (UNESP/AR).

² Entenda-se que o processo de topicalização ocorre quando um SN externo vincula a uma categoria vazia. O bolo eu fiz Ø. (Ross, 1967).

³ Verbo suporte é aquele cujos SNs objetos não realizam funções referenciais. Esses SNs funcionam juntos de verbos para formar predicados (Neves, 1994). Na ocorrência, transcrita da narrativa A Criatura, (Santarém), “começam *dar tiro*”, **dar** é um verbo suporte.

2.1 Mara Lúcia Fabrício de Andrade apresentou considerações teóricas sobre o tópico novo e dado, apoiando-se em Dik (1989). Considerou as suas diferentes formas de o tópico novo apresentar-se no discurso: a forma de um termo indefinido ou definido. Em seguida, expôs estratégias de introdução de um tópico novo (declaração metalingüística, segundo argumento, sujeito de construções existenciais ou locativo-existenciais, predicados que designam uma forma de aparecer em cena); estratégias de manutenção de um tópico do discurso (referência anafórica, paralelismo sintático, referênica com mudança e obviação). E, por último, fez alusão a dois outros expedientes de topicalização, ao tópico dado e subtópico, e ao tópico re-introduzido.

2.2 A exposição feita por Celina Aparecida G. de Souza Nascimento (UNESP/Ar) apontou expedientes sintáticos de introdução do tópico novo no discurso, tendo por base dados selecionados por Brito (1999). Esses expedientes foram: cláusula existencial, cláusula locativo-existencial, sujeito anteposto de cláusula intransitiva, sujeito posposto de cláusula intransitiva, sujeito anteposto de cláusula transitiva, sujeito posposto de cláusula transitiva, objeto direto, objeto indireto, sujeito anteposto de cláusula copulativa, sujeito posposto de cláusula copulativa, sujeito de cláusula passiva e agente da passiva. Ressalta-se que Brito, considerando o tópico como argumento do verbo, observou doze contextos sintáticos em que essa função pragmática se apresenta.

2.3 Coube a Vânia Maria Lescano Guerra (UNESP/Ar), falar da configuração do tópico novo considerando também dados selecionados por Brito (1999). Além do sintagma antecedido de artigo indefinido e definido, Guerra apontou entre outras configurações morfossintáticas do tópico novo: sintagma nominal definido, mas não antecedido de qualquer marca definida; sintagma nominal indefinido e não antecedido de qualquer marca de indefinição; sintagma definido antecedido de pronome demonstrativo; sintagma nominal definido antecedido de outros determinantes exceto de pronome demonstrativo e de artigo; e sintagma nominal antecedido de pró-forma. verifica-se que Brito, considerando os dados analisados, observou sete formas de configuração morfossintática do tópico novo.

2.4 Célia Maria Coêlho Brito, por sua vez, apresentou a análise dos dados pesquisados por Brito (1999), referentes a expedientes sintáticos que favorecem a introdução de um tópico novo no discurso e à configuração morfossintática desse tópico.

Foi visto que o segundo argumento do verbo é o que mais favorece a introdução do tópico novo no discurso, quer esse argumento seja direto ou oblíquo. O segundo expediente sintático que mais favoreceu a introdução da informação nova diz respeito a cláusulas locativo-existenciais. Foi ressaltado também que, embora se esperasse que o número de ocorrências com sujeito posposto de cláusula intransitiva fosse mais significativo que o número de ocorrências com sujeito anteposto de cláusula transitiva (por se ter conhecimento de que literatura lingüística registra que aquele argumento, e não esse, favorece a introdução da informação nova no discurso), os resultados revelaram o contrário.

Considerou-se que esse resultado assim se configura devido ao fato de se terem computado, no trabalho de Brito (1999), como já se disse, cláusulas transitivas que apresentam o segundo argumento tanto direto como oblíquo, o que possibilitou incluir nessas cláusulas aquelas comumente consideradas pela tradição gramatical como intransitivas, a exemplo de cláusulas com o verbo *ir* (eu vou *à praia*).

O número de ocorrências de sujeito posposto de cláusula transitiva, apresentou-se maior do que o de sujeito anteposto de cláusula intransitiva. Julgou-se esse resultado também refletir o tratamento dado à cláusula transitiva. Esse fato lingüístico é importante ser considerado por se saber que as pesquisas lingüísticas que têm analisado os argumentos do verbo para algum fim de análise, embora ressaltem (algumas) a preocupação de se analisarem os argumentos

oblíquos, que, por serem argumentos, são projetados pela estrutura argumental do verbo (Du Bois, 1985;1987), concebem apenas os argumentos diretos (sujeito e objeto).

Embora o expediente sintático “agente da passiva” seja apontado, na literatura lingüística, como favorecedor da introdução da informação nova no discurso, em narrativas examinadas, poucas ocorrências se verificaram nesse sentido. Chamou atenção, nos dados analisados por Brito (1999), a presença de argumentos antecedidos de pronome demonstrativo sem que esse pronome fizesse remissão a um referente anteriormente introduzido no discurso, e sim apontasse para um referente do contexto situacional. O mesmo observou-se em relação ao emprego do artigo definido.

Com relação à presença do artigo definido introduzindo o tópico novo, ressalta-se que houve um número mais expressivo desse artigo do que do artigo indefinido, como se espera, seguindo a orientação da literatura lingüística. Dentre outros determinantes do tópico novo foram vistos, em separado, as ocorrências com o pronome demonstrativo, pelo fato de esse determinante, diferentemente dos demais, servir não só para fazer referências endofóricas como também para estabelecer relações exofóricas. Observou-se que o número de ocorrências com esse tipo de determinante correspondeu quase à metade do número total de ocorrências realizadas com os outros determinantes.

2.5 Por último, na condição de debatedora, Maria Ângela de Souza Boer (UNESP/Ar) fez alguns questionamentos construtivos ao trabalho realizado por Brito (1999), que suscitaram debate e também muito contribuíram para reflexões sobre o fenômeno lingüístico exposto.

Conclusão

Considerou-se pertinente apresentar um estudo realizado sobre o tópico novo no subgrupo Referenciação por se reconhecer que, no discurso, assim como o referente passa por um processo de referenciação, o tópico passa por um processo de “topicalização”⁴.

Examinando-se o fenômeno da referenciação, observa-se que o referente, no discurso, não corresponde a uma entidade que resulta de uma simples atividade de designação referencialista do mundo, mas, sim, a uma entidade que resulta de um processo sócio-cognitivo, ou seja, como objeto-de-discurso (Apothéloz & Reichler-Béguelin, 1995). Do mesmo modo, examinando-se o fenômeno da topicalização, verifica-se que o referente que introduz o tópico (tópico novo) e que o mantém (tópico dado), no discurso, além de veicular, respectivamente, informação conhecida ou desconhecida do interlocutor, apresenta-se em contextos sintáticos específicos e reveste-se de configurações definidas pelo discurso, o que significa dizer que o referente que corresponde ao tópico novo (e ao tópico dado) passa por um processo de topicalização no discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D. REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. TRAVEL: *Travaux neuchâtelois de linguistique*. V. 23, pp. 227-271, 1995.

BRITO, C.M.C. *O tópico em narrativas orais do amazônida paraense*. Belém: UFPA, 1999. (Mimeogr.)

DIK, Simon C. *The theory of Functional Grammar*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1989.

⁴ Diferentemente da consideração de Ross (1967) (ver nota 2), processo de “Topicalização” deve ser entendido, nesse contexto, como o processo pelo qual o tópico passa no discurso segundo o “setting comunicative”(Dik, 1989), que o leva a ter funções sintáticas específicas e a assumir configurações morfosintáticas próprias.

- DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- DU BOIS, J. W. The discourse basis of ergativity. *Language*, v. 63, 1987.
- FONTAINE, J. *O Círculo lingüístico de Praga*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- GIVÓN, T. *Syntax I*. Amsterdam: John Benjamins, 1980.
- NEVES, M.H.M. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: SEMINÁRIO DO PROJETO DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS FALADO, 8, 1994, Campos do Jordão. *Comunicação*. São Paulo, 1994.
- ROSS, J. R. *Constraints on variables in syntax*. 1967. Tese (Doutorado), Massachusetts Institute Technology. Massachusetts, 1967.